

# ENTREVISTA COM LUÍS QUINTAIS

[http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p53-59\\*](http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p53-59)

Por Danilo Bueno<sup>1</sup>

Quintais nasceu em 1968 em Angola. É antropólogo social de profissão, leccionando presentemente no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Nesta qualidade, desenvolveu investigação de arquivo e de terreno sobre o exercício e as implicações públicas e forenses da psiquiatria. Trabalha actualmente sobre as relações entre arte e tecnociência. Como poeta, está representado em diversas antologias, encontrando-se traduzido em inglês, alemão, castelhano, francês e croata. Publicou o seu primeiro livro de poesia, *A Imprecisa Melancolia*, em 1995, com o qual arrecadou o Prémio Aula de Poesia de Barcelona. Em 1999 regressa à poesia, publicando os livros *Umbria* na extinta Pedra Formosa e *Lamento* nos Livros Cotovia. Dois anos depois, lança *Verso Antigo* com a chancela da Cotovia. *Angst* (2002) é o seu terceiro livro de poesia publicado pelos Livros Cotovia. Em 2004 publica na Cotovia *Duelo*, obra a que foram atribuídos os prémios Luís Miguel Nava – Poesia 2005 e PEN Clube Português de Poesia. Em 2006 publicou, também na Cotovia, *Franz Piechowski ou a Analítica do Arquivo*, um ensaio que colhe ensinamentos em vários domínios que vão da história e filosofia da medicina à antropologia social. Ainda no mesmo ano, retorna à poesia com a obra *Canto Onde*. Depois de *Mais Espesso Que a Água* (2008), o seu mais recente livro de poesia é *Riscava a Palavra Dor no Quadro Negro*.<sup>1</sup>

---

\* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 2, n. 4, dez/2010:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3940>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v2i4p165-168>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

<sup>1</sup> Informações biobibliográficas retiradas do sítio da Editora Cotovia:

[http://www.livroscotovia.pt/autores/p\\_q/q\\_2.htm](http://www.livroscotovia.pt/autores/p_q/q_2.htm)

A entrevista abaixo foi realizada por correio eletrônico durante os meses de setembro e outubro de 2010.

*DANILO BUENO:* Da leitura de seu poema: “A tortura/ é um truísmo./ Não a descrição/ da tortura.” é possível pensarmos em dois momentos: o da prática perversamente assumida por todas as soberanias, ou seja, a tortura como legitimação do âmbito estatal, que há muito é notícia comum, até a dimensão humana, que renova o espanto e o horror da carne que padece por este ato hediondo e já quase estatutário. Seria uma questão urgente, portanto, pela dimensão política, pensarmos novamente um retorno ao real para a poesia, desta vez não somente contra a poesia que se esconde na linguagem, mas também contra qualquer espécie de massificação?

*LUÍS QUINTAIS:* Bem, o poema que aí está não pretende assumir nenhuma posição de “retorno ao real”, que é para mim uma expressão muito equívoca, como se sabe. Aliás, o poema diz-nos justamente que é para a linguagem que nos devemos voltar. Que toda e qualquer posição moral é feita no interior de um sistema de mediações, e não fora dele. Temo que o real desse retorno de que se fala seja uma posição insustentável em vários planos. Ético. Estético. Epistémico. Eu sei, em Portugal há muitas pessoas ébrias com essa possibilidade!

*DB:* Em quais termos poderíamos pensar o poema no plano epistemológico? O bom poema consegue refutar quase tudo o que se disse, se pensou, se especulou sobre ele etc. Essa característica absolutamente indomável do poema, que se divisa com a magia e com o sagrado, capaz de subverter qualquer razão, não afastaria, sob vários aspectos, a possibilidade de conhecê-lo, desde os momentos processuais, de (re)escrita; até os momentos pós-escrita, de reflexão e prazer de leitura?

*LQ:* De qualquer das formas, o “plano epistemológico” é uma irrelevância, creio. É Nelson Goodman que reclama uma posição epistemológica e cognitiva para a arte que não será, segundo ele, diversa da ciência. Modos de conhecer. Mas a poesia – ou a função poética da linguagem – lança-nos em algo que está nos antípodas do conhecimento. Digamos que toda a grande poesia, como toda a grande arte, é produtora de “afectos”, como nos propõe Gilles Deleuze. Mais que isso, a poesia está do lado da “crença”,



Gosto de “sujar” tudo isso com a minha leitura de um grande poeta menor, Weldon Kees.

DB: Nesse seu último livro *Riscava a Palavra Dor no Quadro Negro* (2010) após 33 sequências em dísticos (por vezes finalizadas com um verso isolado) há um texto seu, de uma página e meia, em prosa, que pode ser encarado como um epílogo de auto-reflexão ou até mesmo uma explicação de todo o livro e também da sua atual concepção sobre poesia. Nele, há a seguinte passagem:

Uma parte considerável do que escrevi prende-se com uma concepção de experiência que a faz presa – sujeitando-se à devoração – de uma atmosfera. Estou a falar da inescapável condição que se prende com o dado de eu não poder fazer outra coisa senão interrogar, não o início, como disse, mas um princípio de ordem. Não impressões de ordem, mas ideias de ordem, para usar uma reflexão que gravita à volta de Hume e gravita à volta de Stevens.

Esse texto remeteu aos prefácios às coletâneas de poemas de Jorge de Sena em que ele narrava detalhadamente o que lhe motivava a escrita, cunhando até mesmo a expressão “poesia testemunhal”. No que tange ao Jorge de Sena, muitos estudiosos encaram suas palavras como auto-ficcionalização. Poderíamos ler esse seu texto dessa maneira? O poema-sequência não bastaria em si mesmo, dispensando qualquer explicação? Qual a intenção, afinal, desse esclarecimento em prosa?

LQ: Não é por acaso que a o texto aparece no fim do livro. Tal acontece, porque, no meu entendimento, tudo é revisitação, e, nesse sentido, “auto-ficcionalização” é uma expressão correcta, se lhe descontarmos o acento crítico que nos diz que há outra forma de proceder. Não, não há, porque, como disse, e volto a repetir, tudo é revisitação. O poema basta-se-ia, muito provavelmente; porém, ele marca uma descontinuidade muito profunda com o que lhe precede. Trata-se de uma vontade de fazer diferente, e, sobretudo, de fazer diferente dentro de um percurso que é o meu, assumindo o risco e, ao mesmo tempo, tudo o que precede esse momento de descontinuidade que o livro de que estamos a falar se propõe realizar. Ao mesmo tempo, a “arte poética” que este curto texto encena serve para intensificar essas ideias de “eco”, de “revisitação”, e de reflexividade que me perseguem há muito. No fundo, a minha poesia é



LQ: O poema citado é atravessado por um cepticismo (que a ironia vai adensando) em torno da instituição ciência e, em particular, da biopolítica contemporânea que a instituição ciência reitera e amplifica. Sim, é um poema com um sentido político manifesto. A negatividade que se lhe inscreve é, se quisermos, uma constatação. Em boa verdade, eu pouco ou nada fiz, a não ser transcrever um inquérito (um “instrumento”, como lhe chamam por aqui) que me pediram para ajudar a traduzir (dotando-o de uma linguagem “mais antropológica”, disseram-me; o que me pareceu um equívoco e uma estranha maldade; quem o fez, acredite, estava imbuído das melhores intenções, o que torna a coisa quase inquisitorial, ou não estivesse a vocação inquisitorial da ciência moderna comprometida com a sempre eterna boa fé daqueles que a promovem). Um outro aspecto, prende-se com a vontade de encontrar uma certa esfera do poético nos objectos de linguagem mais insólitos. Um quase ready-made!

DB: Em seu primeiro livro, *A Imprecisa Melancolia* (Teorema, 1995), até seu nono e último livro de poemas *Riscava a Palavra Dor no Quadro Negro* (Cotovia, 2010) foram 15 anos de publicações contínuas. Podemos encará-lo como um poeta prolífico, o que suporia uma certa disciplina de escrita (diária ou quase diária). A diligência com a escrita demanda uma depuração que talvez somente o trabalho contínuo proporcione. Como é o itinerário do poema para você? Há algum detonador do instante de escrever?

LQ: Não, não sou um poeta em constante trabalho de escrita. Aliás, nos últimos meses não tenho escrito nada. A razão desta escassez presente prende-se com outro dado: interessa-me cada vez menos escrever poemas avulso sobre experiências contingentes. A ideia de encontrar um livro que seja ele próprio um poema, agrada-me muito, hoje. Estou interessado em explorar o caminho traçado de forma consistente pela primeira vez pelo *Riscava*. Provavelmente publicarei cada vez menos poesia. Ao longo destes últimos quinze anos fui descobrindo a minha vontade de abandonar essa ideia de que não há livros de poemas, mas poemas ou fragmentos de poemas que depois, muito depois (assim o cansaço dê sinal da sua presença), se reúnem num livro, mas que podem ser lidos ao acaso. Gosto da ideia de exigir dos meus leitores uma leitura integral de um livro, como se algo do sentido ou da convulsão da linguagem só pudesse acontecer

através de uma certa extensão das reverberações iniciais. Levar isso até à sua consumação, não sem um projecto inicial: “vou escrever a partir desta ideia, desta constelação de problemas formais ou outros...”

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Danilo Bueno

Doutor e mestre egresso do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: [buenodanilo@hotmail.com](mailto:buenodanilo@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7512-9819>